

Um dos enfoques possíveis da história ocidental é o de considerá-la dialéctica entre imagens e textos. Eis como tal história se contaria no caso: Começa ela na primeira metade do segundo milénio a.C. com a invenção do alfabeto. Os textos alfabéticos tinham por propósito explicar as imagens, afim de emancipar a humanidade da opressão da idolatria e da magia. Exemplos típicos de tais textos são os Livros de Moisés e dos profetas, mas todo texto alfabético age estruturalmente em função da destruição das imagens. Estas, no entanto, resistem ao ataque que lhes é movido pelos textos. Na medida em que os textos vão explicando imagens, estas passam a ilustrar os textos. Exemplo típico de tal contenda é a Grécia clássica do século quinto a.C., quando as imagens passam a significar textos poéticos e dramáticos, e quando a filosofia platónica passa a explicitamente atacar as imagens. No curso de tal dialéctica vai surgir o Cristianismo enquanto tentativa de síntese entre texto e imagem. Os textos sagrados explicam a magia idolátrica, e são por sua vez ilustrados por imagens. Exemplos típicos de tal tentativa de síntese são os manuscritos iluminados, mas também os capitais românicos e as janelas góticas que ilustram determinados trechos de textos. Com a invenção da tipografia a dialéctica texto/imagem é perturbada. Os textos, impelidos pela sua dinâmica linear, passam a progredir sem referência a imagens, e tendem a se tornarem inimagináveis. Exemplo típico é o texto da ciência moderna. Quanto as imagens, estas passam a serem exulsas da vida quotidiana e encerradas em guetos glorificados do tipo museu. Inicia-se o significado moderno do termo. Tal divórcio entre texto e imagem, (entre pensamento conceitual e imaginístico), vai resultar em crise da cultura: conceitos inimagináveis tendem a serem vãos, e imaginação não-conceitual tende a ser halucinatoria. Para superar tal crise da cultura ocidental vai surgir um novo tipo de imagens, do qual a primeira espécie é a fotografia. Com este novo tipo de imagens a cultura alfabética vai iniciar a sua lenta decadência: a dialéctica que propela a cultura ocidental vai esgotar-se. Notem que sob este enfoque a história ocidental se apoia sobre três pontos: o da invenção do alfabeto, o da invenção da tipografia, e o da invenção da fotografia. Procurarei agora aprofundar um pouco este modelo.

Do ponto de vista socio-político a dialéctica imagem/texto se manifesta enquanto luta entre letrados e iletrados, com os letrados formando a classe dominante. Os letrados, (escribas, sacerdotes, monjes, cientistas, tecnocratas), procuram manipular os iletrados, (servos, pagãos, vilões, profanos, leigos), em função de textos, e os iletrados reagem em função de imagens. Durante tal luta de classes os textos dominantes penetram as imagens dominadas para serem transcodadas em imagens. Exemplo: o culto de Maria. E imagens dominadas são observadas pelos textos dominantes para serem transcodadas em textos. Exemplo: festas pagãs transcodadas em festas da Igreja. Os letrados vivem com consciência histórica e agem historicamente: são eles os portadores da história do Ocidente. Os iletrados vivem com consciência mágica, e sofrem os atos históricos: são eles os suportes da história do Ocidente. Com a invenção da tipografia a classe dos letrados vai ser ampliada em duas etapas. Vai ela incluir primeira a burguesia, e depois, com a introdução da escola primária obrigatória, o proletariado. Tal amplificação quantitativa da consciência histórica vai ser acompanhada de empobrecimento qualitativo. O baratesamento dos textos vai resultar em consciência histórica rasa, e a subsequente inflação de textos em desvalorização da consciência histórica em ideologia. Finalmente, com a invenção da fotografia, vai surgir classe dominante nova, com consciência nova: a dos programadores de imagens.

Do ponto de vista epistemológico a dialéctica texto/imagem se manifesta enquanto luta entre conceito e ideia. O texto pode ser considerado alinhamento de elementos claros e distintos, (sejam eles cifras ou letras). Tais elementos foram arrancados de contextos confusos e indistintos para serem alinhados: no caso da cifras o contexto era imagem, no das letras língua falada. A palavra latina "legere", como a alemão "lesen", significa arrancar de contexto confuso para alinhar distintamente. Trata-se, com efeito, de conceber o conteúdo de contexto confuso. Textos concebem imagens, (ideias), ao contar seu conteúdo: são contos e contos. São "cálculos": alinham, quais abacos, pedrinhas.

O propósito da história ocidental enquanto cultura alfabética é o de conceber ideias, contar, calcular, em suma: transcodar a mente toda em alinhamentos de elementos claros e distintos. Tal propósito vai se realizando progressivamente: imagem após imagem, ideia após ideia vão sendo transcodadas em "textos críticos". Após a invenção da tipografia a correnteza dos textos vai acelerar-se e assumir métodos de cálculo ad hoc elaborados; ciência moderna. No final do século 18, momento culminante da cultura alfabética, o conhecimento absoluto, no sentido de calculabilidade total do mundo e da mente, vai parecer estar ao alcance. Nesse mesmo ponto culminante os textos vão começar a se inventar contra si próprios, afim de calcular a sua própria estrutura, (crítica da ciência enquanto crítica da razão discursiva). Tal inversão da intenção dos textos, (não mais criticar ideias, mas criticar a crítica de ideias), vai resultar em computação dos elementos calculados. Em vez de destruir imagens, (explicá-las), os textos vão agora construir imagens, (computá-las). A primeira imagem destarte computada a partir de conceitos claros e distintos será a fotografia. O que fará emergir um novo tipo de conhecimento pós-textual: o dos modelos.

Do ponto de vista cultural, (no significado mais amplo do termo), a dialéctica texto/imagem se manifesta enquanto luta entre a razão discursiva e a irracionalidade. Textos são articulações da racionalidade, no sentido em que "razão" significa o recorte da mente em razões claras e distintas. As imagens, por sua vez, são articulações da imaginação, no sentido em que "imaginar" significa englobar na visão da mente. No decorrer da maior parte da história ocidental tal mútua negação entre razão discursiva e imaginação resultava altamente positiva: as imagens se tornavam sempre mais racionais, e os textos sempre mais imaginativos. Nada há de mais racional que as imagens do iluminismo, e nada há de mais imaginativo que os textos da ciência moderna. NA época das luzes ponto culminante da nossa história, (ponto no qual a razão era irracionalmente divinizada), o triunfo da cultura alfabética parecia estar ao alcance: homem e sociedade aptos a viverem razoavelmente em pleno gozo das suas capacidades imaginativas. No entanto, a atitude racional envolve a atitude crítica, não apenas quanto à imaginação e as demais faculdades mentais, mas inclusive quanto à própria racionalidade. Quanto mais a razão discursiva se desenvolve, tanto mais se torna crítica a respeito de si mesma. Até auto-destruir-se. Esse suicídio da razão, cujas derradeiras vítimas são os da minha geração, resulta no emergir de um novo irracionalismo pós-racional e antirracional, o qual se apóia sobre a razão discursiva. Nova imaginação emerge, apoiando-se sobre os conceitos da razão afim de negá-los. A fotografia é o primeiro produto de tal novo irracionalismo.

Do ponto de vista existencial a dialéctica texto/imagem se manifesta enquanto luta entre dúvida e confiança. O texto pode ser considerado resultado de dúvida metódica com respeito ao imaginado: decompõe o imaginado em pixels, e alinha tais pixels metódicamente. Antes da invenção da tipografia os textos duvidam metódicamente das imagens pré-textuais: a Bíblia, por exemplo, é texto que duvida das imagens do paganismo. Se Sócrates foi acusado de impiedade, o foi porque opunha textos às imagens, e os romanos consideravam o judeo-cristianismo como forma nefasta de impiedade. Depois da invenção da imprensa os textos científicos passam a duvidar dos pré-científicos, porque os consideram infiltrados por imagens. Bruno corresponde a Sócrates neste estágio da nossa história, e os judeo-cristãos consideravam o iluminismo como forma nefasta de impiedade. O iluminismo, e um tanto ancronicamente a revolução russa, acreditavam na vitória definitiva da dúvida sobre a fé, dos textos sobre as imagens. No entanto, malgrado Descartes, a dúvida é perfeitamente capaz de duvidar de si própria, e textos auto-críticos começam, a partir do século 19, iluminar o próprio iluminismo. O resultado é curiosa espécie de confiança de segundo grau, curiosa espécie de fé por desconfiança na dúvida, que se articula por imagens de segundo grau, e que podemos observar diante dos televisores. Tal confiança de segundo grau, tal má fé, ilustra existencialmente a vitória das imagens de segundo grau sobre os textos.

Retomo o modelo da história ocidental que çhes propuz no início desta palestra: dialéctica entre texto e imagem tendo por pontos focais a invenção

do alfabeto, da tipografia e da fotografia. Segundo tal modelo a história ocidental desenvolveria sua dinâmica na fase entre o alfabeto e a tipografia, entre a primeira metade do segundo milênio a.C. e o século 15. Na sua segunda fase, chamada geralmente "Idade moderna", a nossa cultura alcançaria, pelo menos nas aparências, a sua maturidade. Os textos triunfam sobre as imagens, a sociedade toda vira letrada, o mundo e o homem passam a serem calculáveis, a vida individual e social se tornam razoáveis, e a dúvida metódica destrói todas as crenças. As ciências duras passam a dominar a cena cultural, e sua consequência, a técnica com sua revolução industrial, permitem à nossa cultura a dominar o globo inteiro. Para um observador da época das luzes, da revolução americana e franceza, a mentalidade alfabetica parece ter triunfado, e o estabelecimento do paraizo humanistico parece ser apenas questão de tempo. No entanto para nós, os observadores pós-modernos, a época moderna já é portadora do germe da decadência da nossa cultura. A crise da cultura alfabetica já se anuncia, para nós, na invenção da tipografia, porque, ao eliminar as imagens da vida quotidiana, a tipografia liberta os textos para investirem contra si próprios e se auto-destruïrem. É a crise da cultura alfabetica irrompe a superfície com a invenção da fotografia, para inundar atualmente a cena sob forma das imagens técnicas e da emergência da nova mentalidade computadora e programadora.

Tratarei, na proxima palestra, da emergência da nova mentalidade pós-alfabetica, e, na quarta e última palestra, procurei projetar uma visão da situação utópica que está se abrindo para tal nova mentalidade. No entanto não posso encerrar estas reflexões sem considerar o impacto que estão tendo sobre nós a decadência da cultura alfabetica, da cultura do Ocidente. Por certo: a nossa cultura não merece ser chorada. Cometeu ela crimes sem igual na história da humanidade, dos quais a escravidão negra e Auschwitz são apenas alguns exemplos. Devemos enterrar Cesar, e não louvá-lo. Dito isto, devemos saber o que estamos enterrando. A saber os ditos valores do Ocidente, que são os valores do judeo-cristianismo, do humanismo, do iluminismo. Se as realizações do Ocidente são, na sua maioria, lamentáveis, e se ameaçam de sobrevivência a humanidade toda, (haja visto o armamento termo-nuclear e a poluição do mundo), os valores, estes sim, são admiráveis. O desafio que devemos assumir me parece ser este: como passar da cultura alfabetica para a nova, sem de tudo sacrificar tais valores?

O que lhez propuz, neste palestra, foi modelo da história do Ocidente. Tomados em si, modelos não têm validade, e devem ser apagados após uso. Dizer isto já é, alias, manifestação da nova mentalidade, a qual propoe e usa modelos sem confiar neles. De modo que meu modelo deve ser apagado por vocês como todos os modelos precedentes, sejam eles tão sacralizados como o modelo judeo-cristão ou marxista. Mas modelos têm validade, na medida em que provocam novos modelos. São portanto vocês os que conferirão ou não algum valor ao modelo por mim proposto.